

VIOLÊNCIA HOMICIDA E MASCULINIDADES NO JORNAL *DIÁRIO DE GUARAPUAVA* – 2010/2014 -

HOMICIDAL VIOLENCE AND MASCULINITY IN THE NEWSPAPER *DIÁRIO DE GUARAPUAVA* - 2010/2014 -

Jadson Stevan Souza da Silva, stevan.jadson@yahoo.com.br
Rosemeri Moreira

Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO, Guarapuava, Paraná

Submetido em 01/02/2017

Revisado em 01/02/2017

Aprovado em 05/05/2017

Resumo: O presente artigo problematiza as representações de masculinidades no contexto midiático em relação à violência homicida. Para tanto, optamos em trabalhar tais problemáticas em um periódico regional intitulado *Diário de Guarapuava* com recorte temporal que coincide entre os anos de 2010 e 2014. Buscamos com esse intento, refletir a construção das masculinidades, das feminilidades e o protagonismo no crime em perspectivas que se referem ao gênero enquanto categoria de análise, de forma que possam ser discutidas as identidades de gênero, os usos sociais da violência, as práticas socioculturais que constroem e reconstroem os espaços simbólicos, como as masculinidades e feminilidades e a maneira que esses elementos são constituídos quando apresentados pelo jornal em perspectivas de violência homicida. Utilizamos para isso, a coleta de todas as edições que continham matérias referentes à violência homicida entre os anos propostos, à categorização dessas matérias e análise à luz da perspectiva de gênero como referencial teórico. Obtivemos com isso a possibilidade de observar nas representações de masculinidades apresentadas pelo jornal a reprodução e afirmação dos modos que compõem o ideário de masculinidades, como as masculinidades criminosas, violentas, as relações de gênero e de classe.

Palavras chave: Masculinidades. Violência. Imprensa. Gênero.

Abstract: This article discusses the representations of masculinity in media context towards violence. To this end, we chose to work with such problems in a regional journal titled *Diário de Guarapuava* with cutting time that matches between 2010 and 2014. We seek with this purpose, reflect the construction of masculinity, femininity and the involvement in crime in Outlook that refer to the genre while category of analysis, so they can be discussed gender identities, the social uses of violence, cultural social practices that build and rebuild symbolic spaces, such as masculinity and femininity and the way these elements are formed when presented by the journal in Outlook of homicidal violence. We use for this, the collection of all editions that contained matters relating to violence killer between proposed, the categorization of such

materials and analysis in the light of a relevant reference to the topic. We had the possibility of seeing representations of masculinity presented the paper reproduction and affirmation of the ideal of masculinity, as the criminal, violent masculinity, gender relations and class.

Keywords: Masculinity. Violence. Press. Gender.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo problematizar as representações de masculinidades apresentadas nas notícias, reportagens e enunciados referentes aos registros de violência homicida no jornal regional *Diário de Guarapuava*, em um recorte temporal entre os anos de 2010 a 2014.

Para essa elaboração, a investigação partiu da coleta e análise de todas as edições do *Diário de Guarapuava* no período proposto, em busca das notícias e reportagens relativas à violência homicida com ênfase nas páginas denominadas de “segurança”, mas também com atenção aos editoriais, considerando-os como expressão da visão particular do jornal.

Visto a importância em refletir sobre a construção das masculinidades, assim como as feminilidades e o protagonismo no crime a partir das perspectivas referentes ao gênero como categoria de análise, é de nosso interesse o modo que as identidades de gênero, os usos sociais da violência, as práticas socioculturais que constroem e reconstroem os espaços simbólicos, tais como as masculinidades e feminilidades, foram apresentadas no jornal.

Tais interesses são reflexos da preocupação com alguns dados nacionais sobre a violência, concernentes às últimas décadas. O Brasil, segundo o mapa da violência de 2012 (WAISELFISZ, 2011) passou de 13.910 homicídios em 1980 para 49.932 em 2010 - um aumento de 259% equivalente a 4,4% de crescimento ao ano. Quanto ao homicídio de jovens, o país alcança uma alta taxa de 52,35% em 2010. Tomemos como exemplo específico o estado do Paraná, que atualmente é considerado um dos novos polos da violência homicida, segundo o mapa da violência de 2012 (WAISELFISZ, 2011). O Estado passou de 1.766 homicídios em 2000 para 3.588 em 2010, com aumento de 103.2%; já os dados sobre homicídio de jovens (15 a 24) marcam em 2000 o número de 615, o que em 2010 o número chega a 1.325 homicídios, representando um aumento de 62.9%.

A capital Curitiba e a região metropolitana, diferentes da maior parte das demais capitais, tiveram altas elevadas no período 1980-2010, que passou de 200ª para a 6ª capital no ranking da violência homicida, com índice de 55,9 mortes para cada 100 mil pessoas. Já o município de Guarapuava obteve o índice de 52,3 mortes para cada 100 mil pessoas, em relação aos jovens (15 a 24 anos de idade) para o mesmo período, segundo o mapa da violência de 2012 (WAISELFISZ, 2011). Índice este que, aparentemente, não expressa grandes preocupações, ganha outra interpretação ao se notar que Guarapuava ilustra um dos municípios do estado do Paraná que mais cresce em taxa de violência homicida, com um aumento entre 2000 e 2010 que dobrou em proporção.

Importante salientar que em relação ao gênero, a vitimização da violência homicida é preponderantemente masculina. Segundo o Mapa da Violência de 2012, 91,4% dos homicídios registrados pertenciam ao sexo masculino. Frente a esses dados, longe do feminicídio ser minimizado, essas considerações estão em direção às análises sobre os espaços da vitimização, nos quais a esfera privada é predominante de vitimização das mulheres e o espaço público é o lugar predominante da violência homicida entre os homens (IPEA, 2011).

No que diz respeito à utilização de jornais como fontes, pensar como os sujeitos envolvidos em atos de homicídio são representados pela mídia escrita, nos permite refletir tanto as relações de gênero, a violência e a própria imprensa. A imprensa é quase onipresente na sociedade atual, na qual os indivíduos são bombardeados por informações a todo o momento. Nesta perspectiva os meios de comunicação alteram a maneira que os indivíduos veem o mundo (MIGUEL, 2000). Entretanto, a mídia não apenas forma a opinião pública, como alertou José Honório Rodrigues (1968, apud De LUCA, 2005), mas, por vezes, expressam a opinião pública, tornando-a impossível de neutralidade em sua produção. Pensar como os sujeitos envolvidos nos atos de homicídio são representados na mídia impressa, portanto, permite-nos refletir não só sobre as relações de gênero e de violência, mas também os próprios meios de comunicação como espaços de representações, de produção e reprodução das práticas sociais e culturais.

Diário de Guarapuava: uma breve contextualização

O jornal *Diário de Guarapuava* foi produzido no município de Guarapuava entre os anos de 1999 e 2014. O jornal foi uma ramificação do Grupo *Diário* de Pato Branco, que já mantinha o *Diário do Sudoeste*, um periódico de informação em nível mundial, nacional, mas com ênfase macrorregional e que possui sede própria na cidade de Pato Branco, onde continua a atuar nos dias de hoje. O *Diário de Guarapuava* também continha informações mundiais, nacionais e da macrorregião, com ênfase no município de Guarapuava¹.

Os meios de comunicação da cidade de Guarapuava têm em sua grande maioria, como mantenedoras, pessoas com fortes vínculos políticos e de atuação partidária. No caso do *Grupo Diário*, os mantenedores não são vinculados diretamente às redes partidárias, característica determinante às premissas de sua linha editorial, que como diretriz do periódico, determina seus valores e política de condução. No caso do *Grupo Diário*, sua linha editorial discursa com maior destaque para uma pretensa imparcialidade, sobretudo quanto às relações político-partidárias de onde atua, mas também nas informações que veicula, visto que uma das proposições de sua missão declarada era atuar no mercado da informação com responsabilidade e isenção, de maneira que se buscasse uma fala mais amena em seus textos e menos sensacionalista².

Em termos estruturais, a principal isenção e autonomia possível no *Diário de Guarapuava* foram com relação à produção do periódico. Suas imagens e manchetes sempre foram de autoria própria, com pouca recorrência a agências nacionais ou internacionais para todo o conteúdo veiculado. Essa possibilidade se dava pelo fato de manter a seguinte equipe de profissionais do jornalismo: nove profissionais distribuídos em linhas temáticas diferentes entre saúde, cotidiano, política, segurança e esporte, além de editoria chefe e produção³.

¹ HORST, Scheila Joanne. Guarapuava: 23 março 2015. Entrevista concedida a Jadson Stevan Souza da Silva. MP3 – 1h06 min. Ex-produtora do jornal *Diário de Guarapuava*.

² Idem.

³ Idem.

Sobre o funcionamento estrutural do jornal, apesar de haver uma sede própria em Guarapuava, o maquinário de prensa dos exemplares se localizava em Pato Branco, o que implicava um horário específico para se fechar a edição diária. O *Diário de Guarapuava* rotineiramente iniciava suas atividades às 8h00, fechava sua edição em torno das 20h00, mas com seu *deadline*, termo utilizado no meio jornalístico que indica limite de fechamento, previsto para até as 19h00, situação que forçava aos/as jornalistas entregarem suas matérias até no máximo às 18h30. Após a edição final, era feita ainda a diagramação e só depois desse processo os exemplares eram enviados a prensa. Os exemplares diários chegavam à cidade de Guarapuava em torno das 4h00 para a distribuição vespertina⁴.

Devido a esse processo e a veiculação diária do jornal, Scheila Horst (2015) conta que se optou no *Diário* pela notícia como principal produção diária, de maneira que as reportagens eram feitas durante a semana conforme a coleta de fontes. A diferenciação entre notícia e reportagem é de considerável importância para compreendermos a estrutura e elaboração do conteúdo do jornal *Diário de Guarapuava*, principalmente das páginas sobre segurança, as quais a presente pesquisa se debruça, visto que nem todas as notícias apresentadas na coluna eram passíveis de reportagem.

O gênero jornalístico, segundo José Marques de Melo e Francisco Assis (2010), aparece como categorização de conteúdo dos jornais. Um dos eixos do gênero jornalístico é o gênero informativo, o qual, segundo a visão técnica de Luiz Beltrão (1980), trata do “relato puro e simples de fatos pertencentes ao presente imediato ou ao passado que sejam socialmente significativos” (1980, p.29) - embora para historiadores e historiadoras, nenhum discurso é puro ou simples.

É desse gênero informativo que a notícia e a reportagem aparecem como possíveis formas. Enquanto a notícia trabalha substancialmente com os fatos, a reportagem por essência trabalha com os acontecimentos. Nesse sentido, Lia Seixas (2009) explica que:

⁴ Idem.

[...] o fato é algo que passou, ocorrido. O acontecimento ou ocorrência é algo em processo, que se apresenta na atualidade, ou algo que tem determinado grau de probabilidade de ocorrer [...] (p. 183).

Ou seja, ainda em Seixas (2009), o fato é caracterizado pelo efeito de uma ação que se passou, enquanto o acontecimento é um fenômeno em processo. Por conta dessa conceituação, a reportagem, segundo Melo (1985) seria “[...] o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística” (p. 65), enquanto que as notícias requerem uma necessidade essencial do instantâneo, por seu teor imediatista. Deve-se perceber, porém, que ambas as modalidades, notícia e reportagem, trabalham com técnicas e funções diferentes, o que não torna uma ou outra mais ou menos eficaz:

As reportagens, enquanto gênero, não são mais interpretativas nem menos, nem mais informativas nem menos que, por exemplo, a notícia: são outro tipo de informação e outro tipo de interpretação. Melhor dito, são quase apenas uma variação temática da notícia [...]. (SÁNCHEZ & PAN, 1998, p. 34).

Para que se possa discutir o conteúdo presente na seção de segurança é fundamental que se perceba também o processo de elaboração do mesmo. Como já dito, o *Diário de Guarapuava* contava com nove jornalistas que tinham suas atividades atribuídas a linhas temáticas do jornal, as quais enquadravam as seções do periódico. Entre os anos de 2010 e 2014, houve a atribuição da seção de segurança a dois jornalistas distintos, em que o primeiro atuou em 2010 e 2011 e o segundo entre 2012 e 2014. Como peculiaridade, os profissionais das páginas de segurança tinham em sua atribuição não apenas essa seção, mas também a seção de esportes que ilustrava, na dinâmica de organização do periódico, a sequência da seção de segurança, portanto, o jornalista em questão era responsável por duas seções, diferente dos/as outros/as profissionais.

Essa peculiaridade é importante para compreender o motivo da seção de segurança ter conteúdo assinado, ao menos entre os anos de 2010 e 2014, por dez jornalistas diferentes, sendo que apenas dois foram responsáveis, em seus respectivos períodos, pela seção. Tornava-se difícil para os jornalistas das páginas de segurança apurar todos os fatos e acontecimentos do dia com responsabilidades temáticas diferentes, para tanto, outros/as profissionais eram chamados/as para contribuir quando necessário⁵.

Importante salientar que a área de segurança não era o matiz focal do *Diário de Guarapuava*⁶, o que explica certa secundarização quanto a essa linha temática, tangível na indefinição da delegação de responsabilidade aos/as jornalistas, mas também na estrutura organizacional do periódico. A seção de segurança era a penúltima seção, sem muitas imagens e quase sempre se resumia a uma página em que pelo menos um terço dela era composta por propagandas. Um dos motivos da seção se encontrar no penúltimo espaço e ser quase compartilhada pela última seção, a de esportes, se dava por uma tentativa de amenizar o peso dos fatos violentos ali relatados, mas certamente o motivo maior estava em não ser a temática de segurança a ênfase de pauta do jornal⁷.

A falta de amparo ao jornal em termos jurídicos, relatado por Horst (2015), também é um fator determinante, afinal de contas todas as informações veiculadas deviam ser atribuídas às fontes, que em geral eram as fontes oficiais, autoridades responsáveis e testemunhas. Essa situação acabava por limitar em certo grau a liberdade de escrita dos/das profissionais, uma vez que tudo o que se escrevia ao jornal era passível de processo, e a empresa não despendia de uma equipe responsável a tratar dos possíveis infortúnios. Por outro lado, a constante atribuição de informação aos órgãos oficiais nos permite perceber os olhares desses órgãos quanto aos acontecimentos relatados, bem como a visão da população, quando estes eram testemunhas e serviam de fontes ao jornal.

⁵ HORST, op. Cit., 2015.

⁶ Idem.

⁷ Idem.

As masculinidades e a violência homicida no Diário de Guarapuava

O debate proposto nessa pesquisa acaba por implicar na complexidade das expressões das masculinidades. Elas se dão em um campo de multiplicidade, mutação e diferenciação nas configurações de práticas, de representações e subjetivações, como disse Maria Izilda Santos de Matos (2001). Campos esses “[...] de disputa e transformações minadas de relações tensas de poder” (2001, p. 47).

Podemos pontuar essa complexidade na relação que se dá representada nas páginas de segurança do jornal *Diário de Guarapuava* a contradição de destaque entre as matérias comumente trabalhadas no centro da página e as matérias de menor proporção denominadas de “últimas ocorrências”. O que determina, por exemplo, que o caso de uma pessoa assassinada em uma estrada rural seja mencionado em um espaço quase imperceptível de cinco centímetros, na parte inferior da página, como o é os informativos de “última ocorrência”, e não em um espaço entre as matérias centrais com maiores informações dos fatos?

As representações das masculinidades estão fortemente imbricadas às relações de classe social. Andrew Tolson (1983, apud MARQUES & AMÂNCIO, 2004) chama a atenção para a importância das diferenças de classe às identificações masculinas como base das variações de estilo das masculinidades. É o que parece importar para noticiar, por exemplo, o assassinato de um taxista em Cantagalo, em que a matéria ignora sua profissão atual para enfatizar seus cargos anteriores: “[...] O corpo do ex-secretário municipal de Agricultura e ex-vereador foi encontrado na manhã da última segunda-feira, por volta das 10h” (QUAQUIO, 2010, p. A14). O título da matéria trata de chamar a atenção nesse sentido também: “Ex-secretário é assassinado em Cantagalo” (QUAQUIO, 2010, p. A14). A vítima foi morta por um passageiro enquanto o levava para a localidade de Campo Alto em Cantagalo.

Os exemplos continuam nesse sentido, como o caso noticiado em 26 de abril de 2011, cujo título foi: “Dono de pousada é morto em Foz do Areia” (QUAQUIO, 2011, p. A13); e segue salientando a posição social da vítima no primeiro parágrafo: “O proprietário de uma pousada e restaurante no distrito de

Foz do Areia, em Pinhão, foi morto a tiros na noite do último sábado, 23 [...]” (QUAQUIO, 2011, p. A13).

Há também, no dia 07 de agosto de 2014, a seguinte notícia: “Empresário é assassinado em entrada de chácara na BR 277” (BELAN, 2014, p. A14), com notável atenção a sua posição social. Diferente de dezenas de casos informados sobre homicídio, esse caso teve uma nova matéria 17 dias depois do ocorrido, no dia 22 de agosto de 2014, a qual clamava pela resolução do crime: “O assassinato do empresário J. B; 65 anos, ocorreu há 17 dias e até o momento não houve prisões [...]” (ORTIZ, 2014, p. A14). Outro fator importante é o tratamento que o texto dá à vítima ao usar seu nome em destaque na chamada, o que não ocorre com a maioria de casos parecidos e com pessoas que não fazem parte da mesma posição social.

Outro caso que ressalta a posição social da vítima é o caso veiculado no dia 25 de agosto de 2010, intitulado “Morte do delegado de Pontal do Paraná preocupa polícia” (QUAQUIO, 2010, p. A18). O texto sobre o caso enfatiza os sentimentos de toda a corporação: “[...] O crime estremeceu a Polícia Civil [...]” (2010, p. A18), além de enaltecer a vítima: “[...] Z... era muito respeitado no meio policial por atuações operacionais e investigativas [...]” (QUAQUIO, 2010, p. A18). Ainda na mesma matéria, foi coletado o depoimento de um colega delegado, adjunto da 14ª SDP, o qual reafirma o enobrecimento da vítima: “O Z... sempre foi um delegado operacional, na linha de frente contra a criminalidade. Solucionou vários homicídios no litoral [...]” (2010, p. A18). Na fala do mesmo delegado entrevistado, a reafirmação dos sentimentos da corporação: “[...] Isso choca a classe inteira [...] há poucos dias tentaram matar um desembargador do TRE em Sergipe. Agora mataram um delegado da polícia” (2010, p.A18). O mesmo caso teve ainda mais duas matérias, uma no dia 26 de agosto de 2010, com o retrato falado dos suspeitos do assassinato do delegado, e outra no dia 27 de agosto de 2010, que noticiou a morte dos suspeitos.

Esses casos citados acima seguem a forma oposta de narrativa informativa que os casos de “últimas ocorrências” em que são transcritos no jornal os textos sem alteração dos boletins oficiais de ocorrência da Polícia Militar. Outros casos que nos interessam pela forma de atenção dada pelo

jornal são dois casos publicados no *Diário* no ano de 2010, os quais envolviam homicídio no trânsito, julgamento e condenação.

No dia 15 de janeiro, na edição de número 2.764, a página de segurança notificou o desenrolar do julgamento de Daniel⁸, um rapaz de classe média e de família tradicional da cidade de Guarapuava que em 2008, aos 21 anos, foi protagonista de um acidente de trânsito o qual resultou na morte de duas pessoas. Na situação, segundo conclusão do inquérito, o rapaz estava alcoolizado e havia ultrapassado uma preferencial, o que veio determinar o acidente.

O julgamento, noticiado no jornal, tomou conta de toda a página da seção. Foi destaque na capa como segunda ênfase de toda a edição. Daniel foi retratado no texto como um ser humano que erra, posto, sobretudo, como um jovem ser humano. É chamado inúmeras vezes pelo substantivo “jovem” e a juventude é salientada com ênfase a um período da vida que mais propicia os erros. A imagem fotográfica também contribui para a proposta do texto, já que apresenta o tribunal em que a centralidade da fotografia é o promotor e os advogados de defesa, e bem ao canto, o réu. A imagem pressupõe uma batalha entre a acusação e a defesa.

A matéria dá visibilidade aos sentimentos de Daniel, com frases do tipo: “[...] Ele estava bastante emocionado e chegou a chorar” (ESSERT, 2010, p. A14). Outro aspecto interessante é o fato de Daniel ser chamado pelo nome quatorze vezes e apenas três vezes como réu em toda a matéria, quando se faz menção ao ato criminoso, chama-o de envolvido. Lembramos que esses aspectos apontados não tratam de uma crítica ou julgamento das maneiras de tratamento ao réu. Esses aspectos são importantes para a comparação ao outro caso de mesmo teor apresentado mais a seguir.

Humanizado, é salientado na reportagem ponto positivo ao acusado seu bom comportamento enquanto preso, o texto pede explicitamente a compreensão para com a situação de sua namorada, a qual está grávida. O texto informa também que o réu já estava trabalhando, em uma loja do centro da cidade, enquanto aguardava o julgamento em liberdade. Este texto apresenta um jovem que depois de um erro está amadurecendo e se tornando

⁸Optamos pelo uso de nomes fictícios.

um “homem” ao constituir uma família e trabalhar para seu sustento. Arnaud Baubérot (2013) nos lembra de que se constatamos um profundo questionamento do modelo tradicional da virilidade, é porque justamente este modelo continua estabelecido. Pode-se perceber, por exemplo, os caracteres viris inculcados na descrição que o jornal traça sobre o amadurecimento de Daniel. Em primeiro lugar, a partir desse caráter viril, remanescente do modelo tradicional, o qual Baubérot fala:

[...] a virilidade é antes de tudo um atributo do homem maduro, esposo, pai e chefe de família [...] o jovem macho só é considerado viril quando sua entrada na comunidade dos homens adultos tiver sido preparada por diversas etapas e validada por diversos ritos [...] (BAUBÉROT, 2013, p. 191).

A fala do jornal ainda vai de encontro com o que Baubérot identificou como ideal de responsabilidade das instituições em permitir tal “desenvolvimento viril”:

[...] se o menino se torna homem, é porque, à medida que se realiza o lento trabalho de maturação biológica, as instituições que participam de sua socialização encarregam-se de transmitir-lhe o hábito viril, isto é, o conjunto de disposições físicas e psíquicas que lhe permitirão desempenhar seu papel de homem uma vez chegada a maturidade (BAUBÉROT, 2013, p. 191).

Embora Baubérot perceba que o modelo tradicional de masculinidade foi abalado a ponto de alterar a formação da identidade masculina quanto às instâncias de socialização como família e trabalho, o jornal parece se aproximar mais da importância tradicional dessas instâncias para o modelo de masculinidade visto a importância em trazer essas considerações como argumentos positivos para a defesa do réu. O pedido de compreensão que o jornal ressalta quanto à gravidez da namorada de Daniel se relaciona à referência à constituição da identidade viril tradicional a partir da família, essencial para o aprendizado das qualidades e papéis destinados a cada sexo. Quanto à ênfase que o jornal dá ao fato do réu já estar trabalhando enquanto aguardava o julgamento, reflete também a compreensão tradicional de

virilidade, em que o trabalho é característica importante para a constituição das identidades masculinas vinculadas ao papel de provedor (CARMO, 2010).

Seu bom comportamento é ressaltado como ponto favorável ao seu benefício com relação à pena. Na sequência a reportagem relata sobre o período que já cumpriu de reclusão: Um ano e nove meses cumpridos na detenção por onde passou pelo “[...] trauma de ter presenciado vários assassinatos e fugas na prisão” (ESSERT, 2010, p. A14). A narrativa endossa seu distanciamento do crime de homicídio, e se Kalifa (2013) fala de uma masculinidade específica que se liga a virilidades criminosas, cujas características são a brutalidade, a violência, “[...] uma masculinidade reduzida a seus fundamentos biológicos, um “virilismo” mesmo, que se manifesta frequentemente pela sobrevalorização da força, o enfrentamento e a dominação dos mais fracos [...]” (2013, p. 331); o texto sobre o julgamento de Daniel trata de apresentar a não incorporação dessa identidade homicida pelo acusado, ao contrário, lhe causa estranheza.

Caso similar ao de Daniel, embora não se trate de um julgamento, mas de um ocorrido, é retratado nas edições dos dias 02 e 03 de fevereiro de 2010 (FILIPAKI, 2010, p. A14). Agnaldo⁹, um rapaz com os mesmos 23 anos de Daniel, porém sem a mesma atenção para esse dado, o qual, segundo a promotoria, atropelou três mulheres na calçada, o que ocasionou a morte de uma delas. O motorista estava embriagado e em alta velocidade, segundo inquérito.

A eventualidade foi destaque na capa da edição, porém, não teve nenhuma imagem fotográfica ou detalhamento na apresentação da matéria. O realce incide em sua condição de motorista embriagado, o que não ocorreu na chamada de capa do caso anterior em que o acusado Daniel também comungava da mesma condição de embriaguez ao volante, segundo o veredicto do julgamento.

A matéria destaca as vítimas e um dono de bar, localizado nas imediações do ocorrido. O apelo aos sentimentos se dá na narrativa também, mas nesse caso, aos sentimentos das vítimas, como à fala da mãe de uma das vítimas. Em seus enunciados, a reportagem identifica o acusado como

⁹ Nome fictício.

“motorista” ou “causador do acidente”, e seu nome é escrito apenas duas vezes ao total de duas matérias feitas.

O relato sobre o caso de Agnaldo no *Diário* se encerra nessas duas matérias. Não houve nas edições futuras notícia alguma sobre os trâmites de seu caso. As notícias posteriores apenas enfocam o julgamento do primeiro caso, o de Daniel, e se estenderão até o mês de março, somando cinco matérias e em três delas esse assunto é destaque de capa. Uma dessas cinco matérias que não foi destaque de capa ganhou destaque na seção, matéria essa que se sobrepõe inclusive sobre outro caso de homicídio considerado doloso.

Esses dois casos semelhantes com diferentes tratos permitem percebermos que as representações feitas pelo jornal definem quais masculinidades se enquadram para cada sujeito, e que tais definições podem se ligar, entre outros fatores, o fator classe social. Se Daniel de classe média e família tradicional da cidade é representado como jovem em percurso de tomar a si sua virilidade com o amadurecimento pelo erro, Agnaldo não tem o mesmo destino nas narrativas do jornal e acaba enquadrado na representação de uma virilidade criminosa.

Para compreendermos outros casos e as formas de representações dos mesmos no *Diário*, é necessário compreender que a constituição das virilidades criminosas carrega uma mentalidade que determina os valores de sua masculinidade. Esses valores despendem de códigos e regras que fundamentam a moral masculina. O uso da violência, por exemplo, deve-se correlacionar com uma fúria legítima, “[...] o excesso de violência extrema ou gratuita assinalam um indivíduo suspeito, que não respeita a cartilha dos homens. [...]” (KALIFA, 2013, p. 311).

Esses violadores das leis que regem a moral masculina geralmente são incorporados por autores de violência sexual, mas podem ser incorporados também por autores de outras violências compreendidas como gratuitas, que ferem a mentalidade masculina e não se tratam de violência sexual. Os casos relatados nas edições de 20 e 21 de janeiro de 2011 do *Diário*, assinadas por Quaquio (2011) dizem respeito a não aceitação da violência não justificada e a ideia de quebra do código diante a mentalidade masculina descrita por Dominique Kalifa (2013).

O primeiro caso traz o informativo de um detento da 14ª Subdivisão de Polícia (14ª SDP) de Guarapuava que por atitude descontrolada provinda de uma suposta síndrome de abstinência alcoólica foi morto por outro detento. O informativo, a partir das declarações do delegado da 14ª SDP, relata que o detento assassinado estava recluso por lesão corporal contra uma filha e que se mantinha encarcerado por antecedentes penais. O delegado frisou que o detento tumultuava a cela em que estava recluso “[...] provocando os demais detentos, pisoteando-os e tentando atear fogo dentro do cubículo” (QUAQUIO, 2011, p. A17). O jornal relata que o autor do homicídio confessou o crime e afirmou que havia feito isso devido ao comportamento agressivo que a vítima apresentava em cela.

Esta é uma narrativa em que submerge o respeito à “cartilha da moral do homem” no depoimento do então delegado da 14ª SDP. Essa constatação se dá à medida que se observa sua fala sobre o caso: a morte do preso parece justificável pela contextualização dada pelo delegado. Em nenhum momento na supracitada fala há a defesa da vítima, apenas apontamentos sobre as atitudes que tornaram sua morte possível. Da mesma maneira, a matéria frisa as atitudes da vítima que despontaram sua morte, dos nove parágrafos escritos para a matéria, cinco discorrem sobre sua situação incontrolável em meio ao depoimento do autor do homicídio que justificava sua ação: “[...] Para conter a agressividade, A.; deu vários socos no tronco da vítima, entre outras regiões do corpo, e acabou agredindo-o com força desproporcional, provocando lesão interna grave e hemorragia” (QUAQUIO, 2011, p. A17).

Constatam-se aqui as duas categorias que Enéleo Alcides da Silva (1997, p. 133) pontuou no confronto entre presidiários, em que o violentador que feriu a honra do grupo, deve ser punido, aos olhos do grupo, com sua própria honra violentada, de forma que se torna a vítima. Já o violentador da honra, acaba por se transformar em uma espécie de justiceiro à medida que toma a honra do violentador e que se torna vítima para devolver a honra ao grupo.

O caso informado do dia 21 de janeiro de 2011 trata também de um homicídio entre detentos da mesma cela, em que é evidenciado pela matéria que os detentos estavam no chamado “seguro”, explicado pelo jornalista: “[...] cela destinada a presos acusados por crimes sexuais, contra a mulher ou que

estão sob ameaça de outros detentos” (QUAQUIO, 2011, p. A15). A característica das celas em que se encontravam é descrita na chamada da capa em que a matéria é destaque principal. A reportagem apresenta a fotografia de uma cela, mas não consta a informação se era ou não o local do crime ocorrido.

A motivação descrita pela matéria partiu de um desentendimento particular, porém, foi informado que as autoridades não sabem ao certo o motivo do conflito entre os dois. É interessante notar nesse caso a relevância que o texto dá ao fato dos presos estarem em uma cela do “seguro” logo no primeiro parágrafo, de maneira que se justifique a situação, já que tal informação logo no começo do texto prepara o/a leitor/a de que se trata de homens que quebraram as regras da moral masculina e, portanto, estão em uma cela que os separa dos homens que seguem tais regras.

Dentro da explanação contida nas matérias, percebe-se então uma gama de requisitos os quais compõem o que é ser um homem na cultura marginal. É possível aqui, apesar de toda a crítica pós-estruturalista ao conceito de masculinidades hegemônicas, compreender o que Benedito Medrado e Jorge Lyra dizem quando mostram que não se trata de formas binárias entre uma masculinidade hegemônica e outra subordinada, “[...] tais formas dicotômicas baseiam-se nas posições de poder social dos homens, mas são assumidas de modo complexo por homens particulares, que também desenvolvem relações diversas com outras masculinidades”(2008, p. 824). Essa concepção é notável aos excluídos, aos que não se coadunam à “maneira de ser homem” e que são encarnados na cultura marginal como os “dedos-duros”, homossexuais (KALIFA, 2013) e no código dos encarcerados, principalmente os criminosos sexuais. Quando o jornal enfatiza a condição das vítimas nos casos acima, em que estavam em celas destinadas a encarcerados renegados na prisão, se evidencia uma justificativa que Silva (1997) expõe como sendo a manifestação de uma pena que é imposta e prevista por uma “regra social interna” dos presídios.

A postura do jornal em justificar as ações desses casos é compreensível se voltarmos ao que Silva (1997) demonstra, ao detectar que a justificação de uma punição mais “apropriada” que a que o Estado impôs não é comungada

somente pela comunidade prisional, mas também pela comunidade externa de onde esses sujeitos provêm:

[...] Quem comete crime sexual contra mulher ou criança, violenta uma "instituição sagrada": a família. Quem mexe na honra das mulheres, fere também a honra dos homens. [...] Os cagoetas traem o "acordo" de cooperação e lealdade entre os companheiros, e os laranjas e afeminados agridem porque ferem a regra de virilidade esperada pelos demais membros da comunidade. (SILVA, 1997, p. 125)

Outro acontecimento de destaque que merece nossa análise foi a notícia sobre a morte de uma adolescente, vítima de homicídio na saída do colégio onde estudava. O ocorrido foi informado na edição de 1º de dezembro de 2011 (BITTAR, 2011, p. A13) e apesar do homicídio ter ocorrido com a participação de três meninas, todas menores de idade, e um rapaz de vinte anos, é interessante notar como de uma forma sutil, o envolvido ganha destaque entre as envolvidas, mesmo não sendo ele o autor das facadas que levou a vítima a óbito.

Essa relação de protagonismo do crime pode ser notada em conformidade com um caráter relacional do crime em que “[...] as mulheres criminosas enfatizam seus papéis de cuidadoras e seu envolvimento é usualmente caracterizado como protetor das suas relações afetivas (românticas) e familiares” (BARCINSKI, 2009, p. 578).

Na edição supracitada, em primeiro lugar, foi identificada a vítima e logo depois a narrativa enfoca os sujeitos envolvidos. São apontadas duas adolescentes que teriam participado do homicídio, e na sequência é posta a informação da existência de pelo menos mais um rapaz que teria segurado a vítima para que as facadas fossem dadas por uma das adolescentes. A informação de que a vítima foi esfaqueada, mesmo que a narrativa já tivesse informado no primeiro parágrafo a morte por homicídio, só aparece no segundo parágrafo do texto após indicar a participação fundamental do rapaz.

Na matéria do dia seguinte, 02 de dezembro de 2011, são apresentadas as duas das três adolescentes que estariam envolvidas no crime. Consta ainda o relato de que haveria mais uma adolescente. Dos depoimentos coletados na ocasião, priorizou-se a motivação para o crime: “[...] O motivo apresentado pela

menina foi a rivalidade criada por causa de um ex-namorado” (BELAN, 2011, p. A14).

A matéria também focou a idade de uma das adolescentes apresentadas à polícia: “A segunda adolescente se apresentou na manhã de ontem, com a companhia do pai, madrasta e advogado. Aos 14 anos, J.M.P é a mais nova entre os quatro participantes [...]” (BELAN, 2011, p. A14). A escolha em reproduzir dos depoimentos apenas a motivação para o crime, assim como o ressaltado a idade de uma das adolescentes e a nota de que se tratava da envolvida mais nova entre os envolvidos, parece tirar o foco da ação homicida, visto que em nenhum momento da notificação sobre os depoimentos das adolescentes, o jornal apresentou as falas sobre o assassinato em si. Apesar do (de o) rapaz envolvido não ter se apresentado para a polícia nessa ocasião, mais uma vez se reforça sua participação com o relato de sua atitude em não permitir que a briga fosse “apartada” por terceiros, e nesse momento, o texto relembra a ação homicida, de forma que parece se associar o assassinato com mais facilidade ao rapaz que as adolescentes: “O homem não teria participado da agressão, mas teria impedido que alguém intervisse na briga. [...]” Já o relato sobre a participação de uma das meninas apresentadas: “A garota de 16 anos, por sua vez, sequer teria visto a facada. [...]” (BELAN, 2011, A14).

No dia 06 de dezembro foi publicada a última matéria de 2011 que se referia ao caso, ao noticiar que o rapaz e a terceira menina envolvida, a qual inclusive desferiu os golpes de faca que levaram a vítima ao óbito se apresentam a polícia civil. A chamada para a notícia é essa: “PC indícia rapaz como coautor na morte de J.; adolescente assume facadas” (QUAQUIO, 2011, p. A13). Aos olhares desatentos, a jogada de palavras a qual o título foi moldado pode trazer a responsabilidade das facadas ao próprio rapaz, mas o que nos interessa aqui é perceber como a autora dos golpes que resultaram na morte da vítima tomou segundo plano não apenas no título, mas também na notícia, visto que o texto se estrutura em centralizar a prisão preventiva do rapaz. Diante o ocorrido, ao longo das notificações no jornal são construídas narrativas que enfatizam o protagonismo do rapaz, único homem entre as envolvidas, de forma que a última notícia referente ao caso no ano de 2011 exclui de certa forma a existência de uma terceira envolvida, basta o rapaz, um

homem, sujeito por excelência do crime, para um ato feroz, como um assassinato o é.

Considerações

Fabrice Virgili (2013) ao citar Anne-Marie Sohn (2009), aponta a modificação da masculinidade em relação à violência que se iniciou a partir do século XIX. Se antes se notara uma masculinidade ofensiva, extremada e bruta, passou-se a se perceber uma masculinidade dominada, contida e racional com a violência. Obviamente que se trata de uma mudança acomodada no nível individual e em consonância com uma nova forma social, mas a percepção de violência e legitimidade dela se dá em uma variável individual também, o que demonstra que, mesmo com considerável mudança da concepção de masculinidades em relação à violência de um século para outro, não significa o desaparecimento do hábito masculino da violência.

Com o diagnóstico dessa mudança, mas, a saber, que a violência continua como um hábito masculino justificável, Virgili (2013) constata uma tendência a dar menor frequência de publicidade às violências. Essa ideia pode se unir ao que se verificou no *Diário* no sentido de escolha da linha editorial em não centralizar sua atenção a seção de segurança, mas certamente, em uma análise restrita da seção supracitada, como foi possível perceber, o jornal enfatiza esse “hábito masculino” de violência, permite-o inclusive o protagonismo. Ressalta-se um espanto quando um crime é protagonizado por personagens não convencionais a sua prática descritiva, dá forma ao estranhamento quando um crime foge dos acordos morais característicos de uma concepção de “ser masculino”.

É de relevância evidenciar também que, conforme descrito e analisado nas páginas do jornal há uma parcela significativa nas representações encontradas que denotam a influência dos órgãos oficiais responsáveis, bem como seus representantes, à medida que se sabe a importância para o jornal na atribuição de declarações nas matérias. Em dezenas de situações, as declarações dessas instâncias de autoridade e seus representantes, apresentaram afirmações de ideais e mentalidades constituídas nas representações de masculinidades como notado nos casos do homicídio dentro da prisão, mas em outras situações que não foram possíveis ser explanadas

aqui, como determinações em casos de feminicídio tratados como crimes passionais pelos órgãos oficiais. Essa manifestação exige uma análise específica em outro momento, com intento em buscar de que formas e em que grau os discursos produzidos pelos órgãos oficiais, bem como seus representantes atribuem influência sobre a produção de informação.

É possível também notar perfis criminais a partir das representações de masculinidades encontradas no conteúdo do jornal. Esses perfis estão imbricados à classe social, visto que envolvidos, sejam vítimas ou autores de crime, são mais visíveis ao jornal, de forma que vítimas de determinada posição social acabam por se passar mais vítimas que outros/as, na mesma linha, autores acabam por se passar menos culpados que outros/as. O ideal de honra e mentalidade masculina é determinante também, em que vítimas que quebraram o código de honra da sociedade, código esse que rege principalmente a maneira dos homens se portar diante suas masculinidades, são menos vítimas que outras não envolvidas com essa quebra. Da mesma maneira, autores de crimes que agem contra infratores da honra acabam por ter suas ações justificadas ou amenizadas.

O protagonismo do crime também nos pareceu ser outro forte indicador de perfil criminal veiculado, em que o relato da autoria é centralizado às mulheres quando as evidências corroboram de maneira unânime para isso, mas a mesma centralidade pode se alterar quando há a participação da figura masculina, já que a associação do masculino é mais naturalizado a violência, conseqüentemente, ao crime. Perceba-se que a figura do feminino ganha centralização quanto à vitimização de maneira mais correlata que a figura masculina.

Dessa maneira acreditamos que tal intento da presente pesquisa permite que se percebam nos discursos as construções que determinam modos de representação, e, portanto, a possibilidade de desnaturalização dessas representações possa ser estimulada, visto que nenhuma palavra é neutra, muito menos quando são veiculadas em nome da informação.

FONTES:

BELAN, Douglas. Rivalidade com Jéssica teria começado por causa de ex-namorado. Diário de Guarapuava, Guarapuava, 2 dez. 2011, Segurança, p. A14.

BELAN, Douglas. Empresário é assassinado em entrada de chácara na BR 277. Diário de Guarapuava, Guarapuava, 7 ago. 2014, Segurança, p. A14.

BITTAR, Guilherme. Aluna de 15 anos é morta na saída do colégio. Diário de Guarapuava, Guarapuava, 1º dez. 2011, Segurança, p. A13.

DIÁRIO DE GUARAPUAVA. Justiça para todos. Diário de Guarapuava, Guarapuava, 26 jan. 2010, Editorial, p. A4.

ESSERT, Harald. Diego dos Santos é condenado a 16 anos. Diário de Guarapuava, Guarapuava, 15 jan. 2010, Segurança, p. A14.

ESSERT, Harald. Defesa de Diego recorre da pena. Diário de Guarapuava, Guarapuava, 16-17 jan. 2010, Segurança, p. A18.

FILIPAKI, Carolina. Motorista embriagado mata um e fere dois pedestres. Diário de Guarapuava, Guarapuava, 2 fev. 2010, Segurança, p. A14.

FILIPAKI, Carolina. Motorista que fez três vítimas foi autuado por dolo eventual. Diário de Guarapuava, Guarapuava, 3 fev. 2010, Segurança, p. A14.

ORTIZ, Larissa. Duas semanas após assassinato, PC ainda investiga morte de Jandir Brandalise. Diário de Guarapuava, Guarapuava, 22 ago. 2014, Segurança, p. A14.

QUAQUIO, João. Morte do delegado de Pontal do Paraná preocupa polícia. Diário de Guarapuava, Guarapuava, 25 ago. 2010, Segurança, p. A18.

QUAQUIO, João. Preso da 14º SDP mata detento que estava em síndrome de abstinência. Diário de Guarapuava, Guarapuava, 20 jan. 2011, Segurança, p. A17.

QUAQUIO, João. Mais um preso da 14º SDP morre. Diário de Guarapuava, Guarapuava, 21 jan. 2011, Segurança, p. A15.

QUAQUIO, João. PC indicia rapaz como coautor na morte de Jéssica; adolescente assume facadas. Diário de Guarapuava, Guarapuava, 6 dez. 2011, Segurança, p. A13.

QUAQUIO, João. Ex-secretário é assassinado em Cantagalo. Diário de Guarapuava, Guarapuava, 24 fev. 2010, Segurança, p. A14.

QUAQUIO, João. Dono de pousada é morto em Foz do Areia. Diário de Guarapuava, Guarapuava, 26 abr. 2011, Segurança, p. A13.

Referências

BARCINSKI, Mariana. Protagonismo e vitimização na trajetória de mulheres envolvidas na rede do tráfico de drogas no Rio de Janeiro. *Revista Ciência e saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n.2, p. 577-586, mar./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n2/a26v14n2.pdf>> Acesso em: 18 ago. 2015.

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: COURTINE, Jean-Jacques. *História da virilidade 3. A virilidade em crise?: o século XX e XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. P. 189-220.

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo Opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980.

CARMO, Onilda Alves do; Os homens e a construção e reconstrução da identidade de gênero. In: *VII Seminário de Saúde do Trabalhador e V Seminário O Trabalho em Debate "Saúde Mental Relacionada ao Trabalho;"* Franca, 2010. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/sst/n7/a08.pdf>> Acesso em: 18 ago. 2015.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2011.

KALIFA, Dominique. Virilidades criminosas. In: COURTINE, Jean-Jacques. *História da virilidade 3. A virilidade em crise?: o século XX e XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. P. 302-331.

MARQUES DE MELO, José. *A opinião no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Vozes, 1985.

MARQUES DE MELO, José & ASSIS, Francisco de. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010.

MARQUES, António Manuel; AMÂNCIO, Lúcia. Homens de classe: masculinidade e posições sociais. In: *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Coimbra: 2004. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/AntonioManuelMarques_LigiaAmancio.pdf> Acesso em: 24 jul. 2015.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma História das Sensibilidades: em foco a masculinidade. In: *História: Questões e Debates*. Curitiba: UFPR, Ano 18, nº 34, 2001. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/historia/article/viewFile/2658/2195>> Acesso em: 15 jun. 2015.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/05.pdf>> Acesso em: 10 fev. 2015.

MIGUEL, Luís Felipe. Retrato de uma ausência: a mídia nos relatos da história política do Brasil. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 20, n. 39, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882000000100008&n g=en&nrm=iso>. Acesso em: Out. 2014.

SÁNCHEZ, José Francisco; LÓPEZ PAN, Fernando. Tipologías de géneros periodísticos em Espanha. Hacia um nuevo paradigma. *Universidade de Navarra. Comunicação e Estudos Universitários*, n. 8, 1998.

SILVA, Enéleo Alcides da. Violência sexual na cadeia: Honra e Masculinidade. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, v. 15, n. 21, p.123-138, 1997. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23371>> Acesso em: 18 ago. 2015.

SEIXAS, Lia. Redefinindo os gêneros jornalísticos – Novos Critérios de classificação. Covilhã: LabCom Books, 2009. Disponível em: <<http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/36>> Acesso em: 20 jul. 2015.

SOHN, Anne-Marie. “*Sois un home!*” – La construction de la masculinité au XIX siècle. Paris: Seuil, 2009, p. 389.

VIRGILI, Fabrice. Virilidades inquietas, virilidades violentas. In: COURTINE, Jean-Jacques. *História da virilidade 3. A virilidade em crise?: o século XX e XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. P. 82-115.

WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da violência: Mapa da violência 2012: os novos padrões da violência homicida no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2011.